



**Ó Maria Auxiliadora,
abençoada Mãe
do Salvador,
validíssima
é a tua ajuda
a favor dos cristãos**

São João Bosco

União

Sumário

CORRECÇÃO ERRO

No nº3/4
Março-Abril 2019
pág. 27, artigo
“Uma sala para ele”
não Aulisia Luppola
mas Ausilia Lupoli

Editor:

Confederação Mundial
Ex-alunas/os das F.M.A.

Redação:

Director responsável

Concetta Apolito Zecchino

Vice-director

Anna Maria Musso Freni

Grupo redação

A. M. Musso Freni
Cristiana Mariani Casiraghi
Gabriela Patiño
Gianni Radaelli
Laura Pollino Ravarino
Lorenzo Trapassi

Colaboraram neste número:

Antonio Martinelli SDB
Alessandro Ciqueri
Raffaella Messina

Serviço gráfica

Cristiana Mariani Casiraghi

Secretaria, administração e envio

Marta Bovesse Ferrari
Giuliana Ceccarelli Mossini
Luana Cotta Sica
Elena Mattiacci Fioravanti

Traduções:

Ana Margarida Pires: português

Tipolografia:

Istituto Salesiano Pio XI
Via Umbertide, 11 - 00181 Roma
e-mail: tipolito@donbosco.it

- o nº. 3-4 2019, è stato
foi entregue aos correios a 8 abril 2019
- Este número foi imprimido
no mês de maio de 2019

Carta da Presidente

“Peregrinos da nossa época... seguindo as pegadas de Dom Bosco” de M. Maghini **3**
Congresso das Presidentes e Delegadas de Federação **4**

No princípio a Palavra *Façam aquilo que vos dirá*

Porque este meu filho... Lc 15, 24 **5**
O inimigo número um da Santidade de A. Martinelli **6**
A voz do Papa
O tempo e a misericórdia de A.M. Musso Freni **8**
Santos em caminho
Marcello candia gigante da caridade da Redação **10**

Caminhamos juntos *No Carisma dos Fundadores*

A Espiritualidade da Ex-Aluna e do Ex-Aluno FMA de G. Patiño **13**
“Ela fez tudo”
O Santuário de Tibidabo em Barcelona de L. Pollino **15**

A Associação é Vida *Testemunhas de uma identidade*

De Bellflower Califórnia **Festa do Obrigada 2019** Síntese da Redação **17**
De Moncrivello (Itália) **Festa da Gratidão 2019** de D. Regis **18**
De Catania (Itália) **Juntas em Caltagirone** das Ex-Alunas Auxilium **19**
De Salerno (Itália) **A história continua...** as Ex-Alunas **20**
Da Federação da Liguria (Itália) **Mornese um encontro importante** as Ex-Alunas **21**
De Tortona (Italia) **Um dia inesquecível** de M. Barbieri **22**
De Conegliano e Pádua (Itália) **Crono-história de um dia fantástico** de A.M. Mazzer **22**
Album de família **24**

As mãos no mundo *Empenho sem fronteiras*

Quando a guerra acabar de A. Ciquera **26**
Nem um a menos onlus - Projetos **27**
Ler é uma aventura
Sete breves lições de física escrito por L. Trapassi **28**

A Família torna-se naquilo que és *Explorar o mundo das relações*

**Quinto e último evento crítico:
a família com pais idosos** de R. Messina **29**

Terceiro Milénio *O presente que é já futuro*

Créditos Finais
As mulheres que Mudaram a história escrito por C. Mariani **31**
Eu não desperdigo: reutilizo **34**

Um pensamento para viver

O comentário do diretor
Professora! Espero... “vida” de C. Apolito **35**

união . Nº 5-6 . maio-junho2019 . ano 99°

Regist. del Trib. di Roma n. 552/97 del 10.10.1997 - nuova serie - Iscriz. R.N.S. ID750

Direção e Redação:

Via Gregorio VII, 133/B int. 4 - 00165 Roma
tel. 06.635692 - fax 06.39375131
e-mail: unioneffa@yahoo.it

ccp. 64962004 intestato a:

Confederazione Mondiale Exallieve/i delle FMA
Via Gregorio VII, 133/B int. 4 - 00165 Roma
sito: www.exallievefma.org



Associato
Unione Stampa
Periodica Italiana

Publicação enviada gratuitamente aos associados

Carta da Presidente



“Peregrinos da nossa época... seguindo as pegadas de Dom Bosco”

Queridos,

De 4 a 7 de Abril tivemos em Barcelona o Congresso para escrever as Linhas de Empenho europeias de 2019-2021 que tem como objetivo o de unir o carisma salesiano com a realidade da sociedade europeia de hoje e voltar a descobrir a sua dimensão social.

“O que nos une é mais forte daquilo que nos separa”, é a frase que Konrad Adenauer, Robert Schuman e Alcide Des Gasperi gostavam de repetir. Ser europeus deveria querer dizer isto.

Hoje em dia, temos que perguntar-nos o que é que ficou do ideal de Europa dos pais fundadores neste momento de profunda crise económica, mas também cultural e política.

É evidente que hoje a sociedade europeia já não é a mesma.

Estamos num momento de transição na nossa história, numa época como esta onde, se não fizermos passos para a integração, corremos o risco de explodir. Diante dos desafios de hoje os padres os pais fundadores dizem-nos para não nos fecharmos, mas para prosseguir com um espírito aberto, criativo e olhando para o horizonte.

E para nós Ex-Alunas, qual é o nosso espírito, o nosso laço? O carisma dos nossos pais fundadores: Dom Bosco e Madre Mazzarello.

Eles deram-nos a sua vida e juntos um estilo original de união com Deus e ação pastoral. A nos-

sa missão é clara e definitiva. Não temos de procurar mais, mas temos de retomar as grandes intuições dos nossos santos fundadores. Temos que herdar o seu carisma.

No entanto, não temos que repetir materialmente a experiência de Valdocco e Mornese, mas temos que revivê-lo, nos tempos de hoje, o espírito com o qual agiram nos seus tempos. Portanto não é um “voltar”, como se quiséssemos sair da nossa época e dos seus desafios, mas certamente um “repartir”, um “fazer tesouro”, um “saber herdar” a sua experiência para usá-la criativamente hoje.

Debatemos entre nós e falámos sobre as nossas experiências vitais das nossas Associações presentes em muitas realidades do continente Europeu. O trabalho dos grupos e da assembleia definiu as linhas que vou simplesmente enunciar e que serão o tema do próximo número de União:

- Continuar a criar laços entre Confederações, Federações e Uniões.
- Individuar as necessidades do território pondo em sinergia as capacidades de cada um para estar presentes hoje olhando para o horizonte.
- Ouvir os jovens e envolve-los nos projetos valorizando os seus talentos.
- Pedir ao Instituto das FMA, onde é necessário, para instituir uma figura laica como garantia do carisma para ajudar a Delegada.

Uma querida saudação.

Maria Maghini
Presidente Confederacional

EM CASA... ENTRE NÓS

Congresso das Presidentes e Delegadas de Federação

de Anna Maria Musso Freni

CASA ENTRE NÓS é o nome de um hotel de Roma a dois passos de São Pedro, muito perto da sede da Confederação mundial, e foi sede **do encontro das presidentes e delegadas das Federações italianas** que decorreu dia 16 e 17 de Fevereiro.

Clima da nossa casa, esplêndida posição panorâmica, que permite admirar de cima da colina a Cidade Eterna e a Cúpula. **Encontro histórico, que marcou o passo da Associação** com uma renovação no tema da comunicação. De facto, nesta sede começamos a informatização dos dados da nossa vida associativa. Parecia uma tarefa difícil, mas as presidentes que vieram a Roma, com a ajuda de Eva Agostini, aprenderam sem muitas dificuldades a trabalhar nos seus computadores portáteis, reconhecendo **a utilidade de um instrumento que permite unir-nos em tempo real com a vastidão do mundo salesiano** e ter à mão dados atualizados e corretos sobre a vida da Associação. Os dois dias romanos também ofereceram momentos de diálogo sobre os problemas da vida associativa, sobre as funções dos componentes religiosos e laicos dos Conselhos. Os momentos críticos que foram notados referiam-se sobretudo ao fecho de muitas casas

salesianas, às dificuldades das Uniões, que ficaram sem estruturas de referência, ao encontrar uma sede, à pouca disponibilidade das paróquias. Por outro lado, **foi de conforto descobrir como pequenas Uniões, que ficaram sem irmãs, continuam fiéis à Associação**, tendo um forte laço entre elas e com a instituição, empenham-se em manter vivo o carisma.

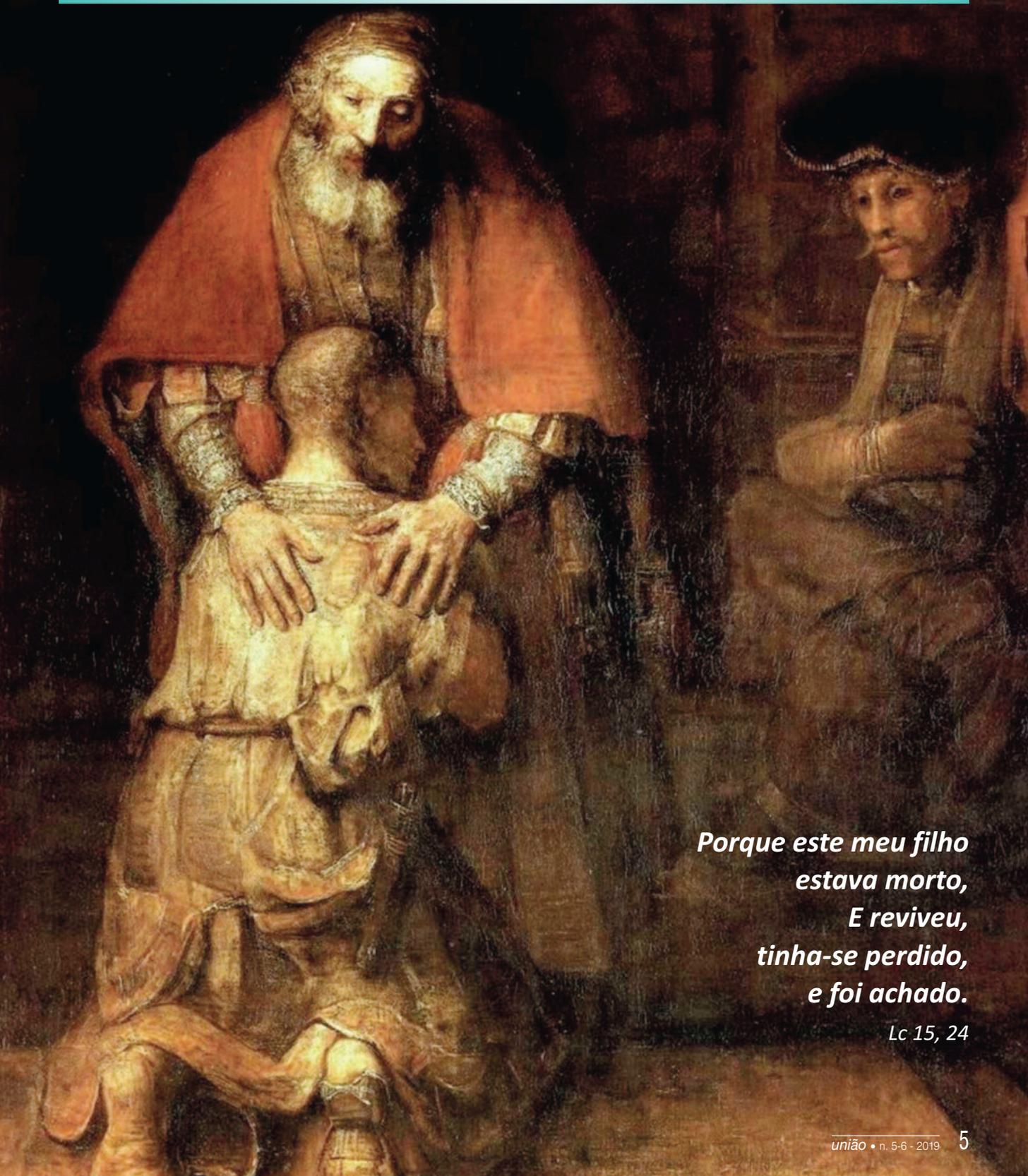
A Ir. Gabriela ilustrou o papel de presença, acompanhamento espiritual, conselho, da Delegada. **Alr. Maria Luisa Miranda** lembrou às Ex-Alunas o dever de transmitir às futuras gerações a chama do carisma, continuando a propor aos mais jovens os grandes valores de Dom Bosco: a prática eucarística, a devoção a Maria Auxiliadora, a fidelidade à Igreja e ao seu ensino. **A Igreja do Terceiro Milénio é de saída** para as periferias existenciais, atenta às crises da sociedade contemporânea, especialmente da família.

Com espírito salesiano não devemos perder de vista o objetivo fundamental da nossa existência: **a santidade a realizar no dia-a-dia**, à porta de todos, dever de todos os crentes, como não se cansa de repetir o Papa Francisco.



No princípio a Palavra

Façam aquilo que vos dirá



*Porque este meu filho
estava morto,
E reviveu,
tinha-se perdido,
e foi achado.*

Lc 15, 24

O inimigo número um **DA SANTIDADE**

de Antonio Martinelli *



PARA APRESENTAR-SE

Cada um de nós conhece as suas dificuldades na coerência e fidelidade às indicações evangélicas para realizar, para responder à chamada à santidade. Dificuldades que nascem do contexto onde se vive, da educação recebida pela família e no ambiente onde está inserido, da estrutura psicológica que cada um tem como herança ou como aquisição pessoal, do tipo de profissão que faz e que forma uma especial mentalidade de juízo e de ação, das pessoas que nos rodeiam e com as quais são partilhadas muitas horas do dia.

A formação religiosa sempre indicou, para além das características lembradas, outras raízes mais profundas, que chama com o nome de **pecados mortais**. São inclinações profundas, morais e comportamentais da alma humana.

Elas são: ativez, avareza, inveja, ira, luxúria, gula, preguiça. São chamados pecados mortais porque a eles estão ligados outros comportamentos, que podemos definir como não corretos, que provocam uma desordem interior e opõe-se diretamente à aquisição das virtudes que promovem o crescimento espiritual do crente. Depois, sustentam-se uns aos outros amplificando a desordem e a distância da harmonia da vida.

No livro dos Provérbios (6, 16-19) encontramos uma lista de comportamentos, que nos ajudam a perceber, concretamente, os desastres que podem provocar os setes “pecados mortais”. É uma página de prelúdio à lista que vamos arranjar de seguida.

Lemos: “Seis coisas odeia o Senhor, aliás sete são abominadas: (1) olhos alterados, (2) língua mentirosa, (3) mãos que derramam sangue inocente, (4) coração que trama projetos injustos, (5) pés que correm rapidamente para o mal, (6) falsas testemunhas que espalham mentiras e (7) quem provoca discussões entre os irmãos”.

Dos pecados mortais só considero a preguiça, o perigo número um no caminho para a santidade evangélica.

PREGUIÇA ESPIRITUAL

O apóstolo João no Apocalipse (2, 14-16) escreve ao Anjo de Laodicea (portanto ao responsável da comunidade cristã): “Assim fala o Ámen, o Testemunho fiel e verdadeiro, o Princípio da criação de Deus:

Conheço as tuas obras: tu não és nem frio nem quente. Quem me dera se tu fosses frio ou quente! Mas como tu és morno, não és nem frio nem quente, estou para vomitar-te da minha boca”.

O morno de que fala João também é chamada “preguiça”, isto é a aversão ao trabalhar, o ténio ao fazer as coisas, a negatividade que se apodera da vida, a negligência ao exercer a virtude necessária para a santificação.

É um dos sete pecados mortais.

É a ociosidade, a falta de vontade, a preguiça espiritual que se apodera da mente e da vontade, a inércia para as coisas relativas a Deus (consideramos esta dimensão, se bem que nos referimos ao conjunto da existência).

Como existe a falta de vontade física também existe a espiritual, de fato a preguiça.

O São Tomás de Aquino fala de tristeza de um bem espiritual.

Ou **Acédia**, como lhe chama o Enzo Bianchi, tendo em conta o peso da palavra em grego que significa “sem cura”.

O seu símbolo pode ser um **bocejo**. Os preguiçosos, aqueles que passam todo o santo dia a passear sem concretizar nada, são os seus melhores representantes. Portanto, **aborrecimento**. Hoje falamos mais facilmente de **depressão**. Um vício, se possível, mais perigoso dos outros porque aparentemente pode parecer vago e indefinível. Exprime um forte **desconforto** existencial. Há algum tempo o ócio era “o demónio do meio-dia”, que tentava na hora mais quente os mónacos das primeiras comunidades no Egito. Hoje, no Ocidente, a acídia é o “demónio noturno” que ameaça cada um de nós com o seu vazio, relação deformada com o es-

paço” (Até aqui Enzo Bianchi).

O que é que significa “uma relação deformada com o espaço”? É o pensamento da acidioso, que encontrando desconforto e aborrecimento no empenho diário, especialmente no empenho religioso que a vida do Evangelho nos pede, para adia-lo ou não o fazer, imagina que se estivesse noutra sítio, noutra ambiente, seria sem dúvida mais generoso com Deus e com os irmãos. Portanto tende a fugir da realidade e sente **aversão** para com a própria vida atual.

É uma **desorientação** interior!

OS FILHOS GÊMEOS

O ócio nunca está sozinho; vem sempre com os filhos gêmeos que o coroam e apoiam na maneira de pensar e agir: o **conformismo** e o vazio.

Não há dúvida que cada um de nós é sempre filho do seu tempo e do espaço que ocupa. Está ligado a um conjunto de coisas que o antecedem. Portanto vive “uma certa homologação” com muitos outros.

Esta certa homologação não pode tornar-se num conformismo cego.

Chegados a este ponto, já não se trata só de homologação de comportamentos exteriores, mas de **homologação da consciência**. Precipita-se na convencionalidade e na irresponsabilidade. Somos os antípodas da vida que o Evangelho propõe. A “miséria psicológica da massa” aproxima-se.

Parece que o desconforto e a desorientação interior marcam o mundo contemporâneo: o romance de Jean Paul Sartre (A náusea, de 1932), descreve-os precisamente.

O Dante diz que os preguiçosos «vivem sem defeito e sem louvor», são «almas tristes», «desgraçados que nunca viveram».

O Petrarca dizia: o ócio é uma “vontade tão mortal que me separo dela com relutância”.

Algumas imagens de **vazio da existência** onde vivem os preguiçosos?

Aqui estão algumas:

Olhos colados à televisão todo o dia, com o comando na mão, orelhas tapadas pelos fones em todos os ambientes e momentos, com o telemóvel sempre ativo, vestidos to-

dos os dias de pijama, dispostos a estar constantemente na cama, no sofá, etc. etc. O viver não tem nenhum sentido, que valha a pena ser vivido: arrastam-se! São apáticos, sem paixões, sem gostos. Se quisermos usar uma referência evangélica estão a “enterrar” todos os talentos. O que é que se mete debaixo da terra? Quem morre! Quem não vive! Não são atores da própria vida, mas só espetadores.

CONCLUINDO

Falar de santidade, trabalhar para a própria santificação e, portanto, falar de vida, de alegria, de realização pessoal, de preencher os próprios dias.

O ócio é um comportamento muito perigoso, porque tudo aquilo que não custa a ser conquistado não nos faz crescer. O ócio ilude-nos que é possível chegar a uma espiritualidade sem luta. Mas isso não acontece!

* SDB



O TEMPO E A MISERICÓRDIA

Voltar para mim com todo o coração

de Anna Maria Musso Freni *



A misericórdia de Deus é ilimitada, mas o tempo para a conversão não o é. Foi o que o Papa Francisco disse em Loreto, na festa da Anunciação, e não se cansa de repeti-lo nos encontros de domingo. Não há pecado que não possa ser perdoado, não há pecador que não possa converter-se e tornar-se santo, mas não se deve abusar da misericórdia de Deus. Cada possibilidade de conversão deve ser acolhida imediatamente, ou será perdida para sempre.

O Evangelho repete o aviso de colher esta ocasião oportunamente, com vários exemplos e pa-

rábolas. Jesus convida à vigília enquanto se espera que o patrão volte para a festa de casamento. Convida à vigília para não ser surpreendidos pelos ladrões, a manter as luzes acesas, como as virgens prudentes, a preparar-se à sua vinda: “Vocês, também, fiquem alerta, porque o Filho do Homem vai chegar quando menos esperarem”. (Lc 12, 40)

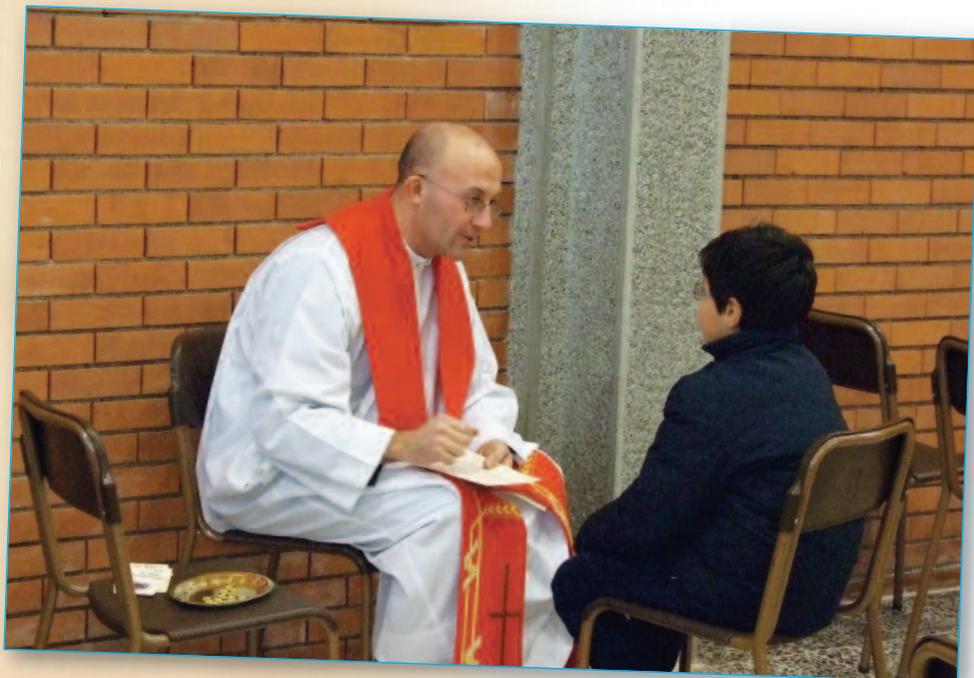
O Papa comenta a parábola da figueira estéril como exemplo da misericórdia de Deus e da negligência do homem. (Lc 13; 5,9)

O dono do vinhedo convida o vinhateiro a deitar abaixo a figueira que à três anos não fazia frutos, mas o vinhateiro, respeitoso e prudente, convence o dono a esperar mais um ano, e dar-lhe tempo para pôr oportunamente estrume na planta, na esperança que ela desse fruto. O dono é a imagem de Deus Pai, do momento em que, no Juízo, prevalece a justiça. O vinhateiro é a imagem do Filho, com a prevalência da misericórdia e da paciência.

A figueira simboliza a humanidade indiferente e árida, que não quer arriscar, não quer aceitar mudanças radicais.

A humanidade está estéril, incapaz de dar. Vive para si própria, de barriga cheia e tranquila. Jesus intercede por nós com o Pai, reza-lhe que nos dê tempo para que possam dar frutos de amor e de justiça. É o vinhateiro que toma conta do terreno que lhe foi dado com paciência. Jesus deixa em suspenso a conclusão do episódio. Não diz se





e como a árvore produziu frutos. Do seu ponto de vista podemos pensar numa espera mais comprida do que um ano, como aquela do Pai misericordioso e do filho pródigo. A passagem da esterilidade à abundância simboliza a conversão, que decorre com uma mudança de rota. A dilação do tempo dado pelo dono do vinhedo indica a urgência da conversão. Cada um de nós é chamado a esta mudança, é convidado a corrigir na própria vida a maneira de pensar, de agir, de relacionar-se com os outros.

A conversão implica um trabalho quotidiano de luta contra o pecado original que está em nós, como um doente luta contra a doença, com a determinação necessária para ser curado. Não se alcança a salvação ou a santidade com a decisão de um momento, mas com o esforço constante de todos os dias, que pode ser comparado ao treino quotidiano dos lutadores se dos atletas. Uma tarefa nada fácil, devida à fraqueza da natureza humana, mas São Paulo lembra que Deus dá força à nossa fraqueza, riqueza à nossa pobreza, perdão ao nosso pecado. Todos precisamos de ser curados e da possibilidade de curar.

A conversão implica um trabalho quotidiano de luta contra o pecado original que está em nós, como um doente luta contra a doença, com a determinação necessária para ser curado. Não se alcança a salvação ou a santidade com a decisão de um momento, mas com o esforço constante de todos os dias, que pode ser comparado ao treino quotidiano dos lutadores se dos atletas. Uma tarefa nada fácil, devida à fraqueza da natureza humana, mas São Paulo lembra que Deus dá força à nossa fraqueza, riqueza à nossa pobreza, perdão ao nosso pecado. Todos precisamos de ser curados e da possibilidade de curar. Através da cura dos outros, todos podemos transformarmo-nos se olharmos para os outros com o coração aberto e fiel.

À viúva desesperada de um suicida, que tinha morrido afogado, atirando-se de uma ponte, o

Cura de Ars tinha dito de não desesperar pela salvação do marido, porque entre a Ponte e o Sena estava a misericórdia de Deus.

Isto é, até ao último momento, o pecador arrependido pode ser perdoado, como aconteceu ao bom ladrão, mas quem é que nos diz que neste último momento teremos a lucidez necessária para nos arrependermos e pedir perdão? Teremos o tempo necessário? E, depois de uma vida passada a perseguir e deixar-se oprimir pelos bens materiais, conseguiremos conservar a pureza de coração necessária para acusar com clareza o nosso pecado? O Evangelho indica a estrada para não perder a fidelidade a Deus: “Voltar para mim com todo o coração” diz o Senhor. “Não julguem, não condenem. Perdoem”. (Quantas vezes o fazemos?) Jesus convida ainda a doar de mão cheia, porque com a mesma medida vai-nos ser dado.

Tristemente o bem-estar muitas vezes torna-nos surdos aos pedidos de ajuda, cegos às necessidades dos outros, indiferentes ao sofrimento, sempre à pressa para dedicar tempo aos outros. Quanto será longo o tempo de espera que Deus pode dedicar a cada um de nós?

** Ex-Aluna Fed. Piemontese Maria Auxiliadora*

Em 1975 o semanal ilustrado mais importante do Brasil, o 'Manchete' de Rio de Janeiro, dedicou-lhe um artigo intitulado: **'O melhor homem do Brasil'**, que começava com estas palavras: "O nosso país é terra de conquista para financeiros e industriais italianos. O **Marcello Candia** vive na Amazônia há dez anos, lá gastou todos os seus bens para poder fazer algo diferente: para ajudar os índios, os caboclos, os leprosos, os pobres. Elegemo-lo o melhor homem do Brasil do ano 1975". Esta notícia é reportada por padre Piero Gheddo, autor do livro 'Marcello dos leprosos'. O industrial milanês passou dezoito anos da própria vida como missionário laico, tornando-se um exemplo de como **"até um rico pode tornar-se um modelo reconhecido de autentica e heroica vida cristã, usando o capital, o proveito, as técnicas de gestão não para servir o próprio egoísmo, mas o próximo mais pobre e abandonado"**. ("Marcello dos Leprosos" de Piero Gheddo)

"Quando o encontrei pela primeira vez, em 1969, o Marcello Candia tinha 54 anos. Era uma personagem famosa principalmente entre as "boas pessoas" de Milão." – escreveu o Renzo Allegri em Il Faustino, a 30 de Agosto de 2013.

Nos anos logo a seguir à guerra, tinha dado provas de que era um excelente homem de negócios. A sua fábrica de ácido carbónico, com sede em Milão e sucursais na toscana, na Campanha, na Pulhia e em países estrangeiros, era uma das principais empresas do setor a nível europeu. Depois, em 1965, Candia surpreendeu todos. Tinha decidido vender todas as propriedades e ir como missionário laico para a Amazônia.

Tinha ido ao Brasil receber o prémio "noite de Natal" como melhor homem do ano, que era uma grande quantia de dinheiro. Mas estava desajeitado e confuso. «Mas eu não sou o melhor homem do ano», repetia com embaraço, «eu sou simplesmente um pobre pecador. Vim receber este prémio não porque o mereço, mas porque preciso do dinheiro. Estou a construir um grande hospital na floresta brasileira, em Macapá, e os preços são assustadores».

«Lá encontrei a minha família», disse-me o Marcello Candia em segredo, envergonhado por falar de si próprio. «Há muitas crianças abandonadas, que não têm nada. Se nós não os ajudamos podem morrer de fome, de doenças, de sofrimentos. Deus



é Pai de todos. Ensinou-nos que cada homem é nosso irmão. E eu considero aquelas crianças abandonadas e leprosos como meus filhos».

O Candia nasceu numa família rica. O seu pai, Camillo, formado em química, em 1906 fundou a

“**Fábrica italiana de Ácido Carbônico**”, que fez a fortuna da família. A mãe, Bice Busatto, era uma mulher de grande fé religiosa. Foram os pais a educá-lo no amor para com os outros. Sobretudo a mãe. Quando era criança, a mãe acompanhava-o até às famílias em maior dificuldade para levar comida, roupa, dinheiro, medicamentos. Durante o liceu, frequentava o “refeitório dos pobres”, dos padres Capuchinos em Milão, e ajudava os frades a distribuir a sopa aos sem-abrigo da cidade.

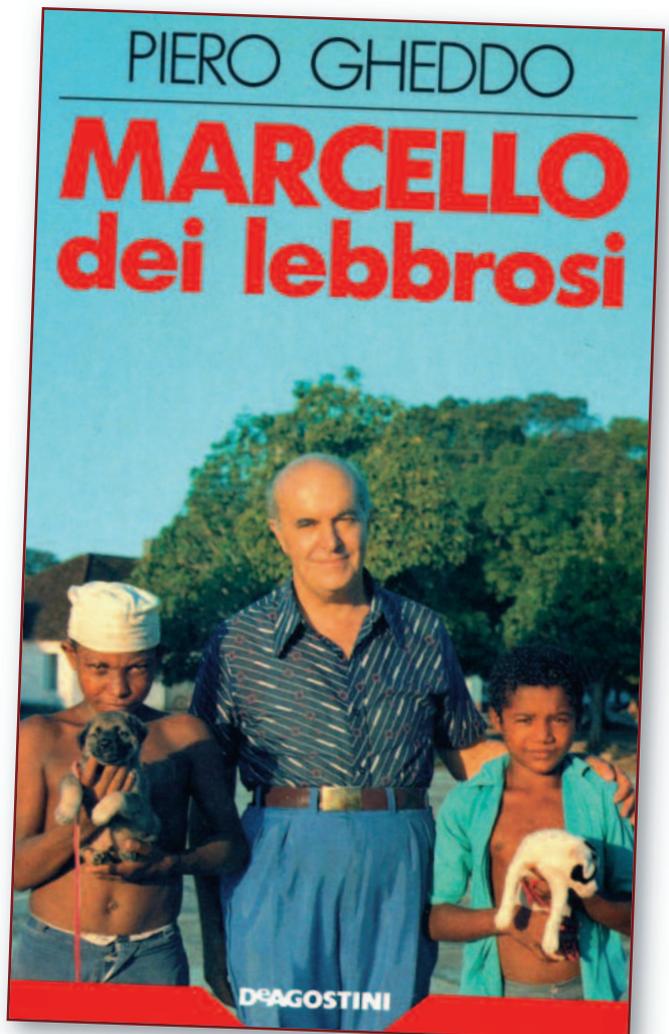
Aos 17 anos sofreu um gravíssimo luto. Perdeu a mãe, que morreu por uma pulmonite. A dor marcou-o profundamente. Entrou numa profunda crise depressiva. Mas depois aquela triste época acabou. Em lembrança da bondade da mãe, decidiu dedicar a sua vida aos ideais de altruísmo que ela lhe tinha ensinado. Pensava em tornar-se missionário, mas antes queriam acabar os estudos. Estava convencido que com uma licenciatura poderia servir melhor os pobres.

Em 1939 formou-se em Química pura e no ano a seguir em Farmácia. Depois começou a guerra. O seu sonho teve que esperar. Em 1941 foi chamado às armas, onde ficou até 1943. Entretanto continuava a estudar e em Outubro de 1943 conseguiu tirar a terceira licenciatura em Ciências Biológicas. Quando acabou a guerra, o pai adoeceu e o Marcello teve que tomar conta da empresa.

No entanto não esqueceu os seus ideais. Enquanto esperava para poder realizar a sua vocação, dedicou-se aos problemas missionário de outra maneira. Já em 1946, portanto no ano em que tomou posse da direção do estabelecimento do pai, instituiu a Associação ‘**Laicos Ajuda Missões**’, uma entidade que se interessava em cooperar com os missionários. Fundou a revista ‘**A Missão**’, para dar a conhecer os problemas das missões. E, sempre naquela altura, deu vida, em Milão, à ‘**Aldeia da Mãe e do Menino**’, para assistir as mães adolescentes. Também criou vários centros de assistência médica gratuita para os sobreviventes da guerra e para os pobres, e cursos de medicina para os missionários.

Em 1950 conheceu o padre Aristide Pirovano, um missionário originário de Como, que tinha fundado a missão de Macapá, no Brasil, nas margens do Rio da Amazônia. Os dois tornaram-se logo amigos. Ouvindo as histórias do missionário, o Candia começou a pensar seriamente em mudar-se para o Brasil. Decidiu que o iria fazer assim que a fábrica pudesse sobreviver sem a sua presença.

Em 1955, parecia-lhe que tinha chegado o momento tanto esperado. Mas, quando estava para dar a notícia aos seus familiares, mais um obstáculo. Na noite de 22 de Outubro de 1955 o seu grande estabelecimento químico foi destruído por um incêndio. Dezenas de trabalhadores corriam o risco de ficar sem trabalho. O Marcello percebeu que não podia abandonar aquelas pessoas em dificuldade. Voltou a adiar a sua viagem.



Santos em caminho

«Reconstruiremos tudo», disse aos trabalhadores «nenhum de vocês irá ficar sem trabalho». Pôs mãos à obra com aquela garra e aquela incrível resistência ao cansaço que o distingui-a.

Em dez anos o estabelecimento voltou a ser uma joia de eficiência e modernidade. Agora podia continuar sozinho.

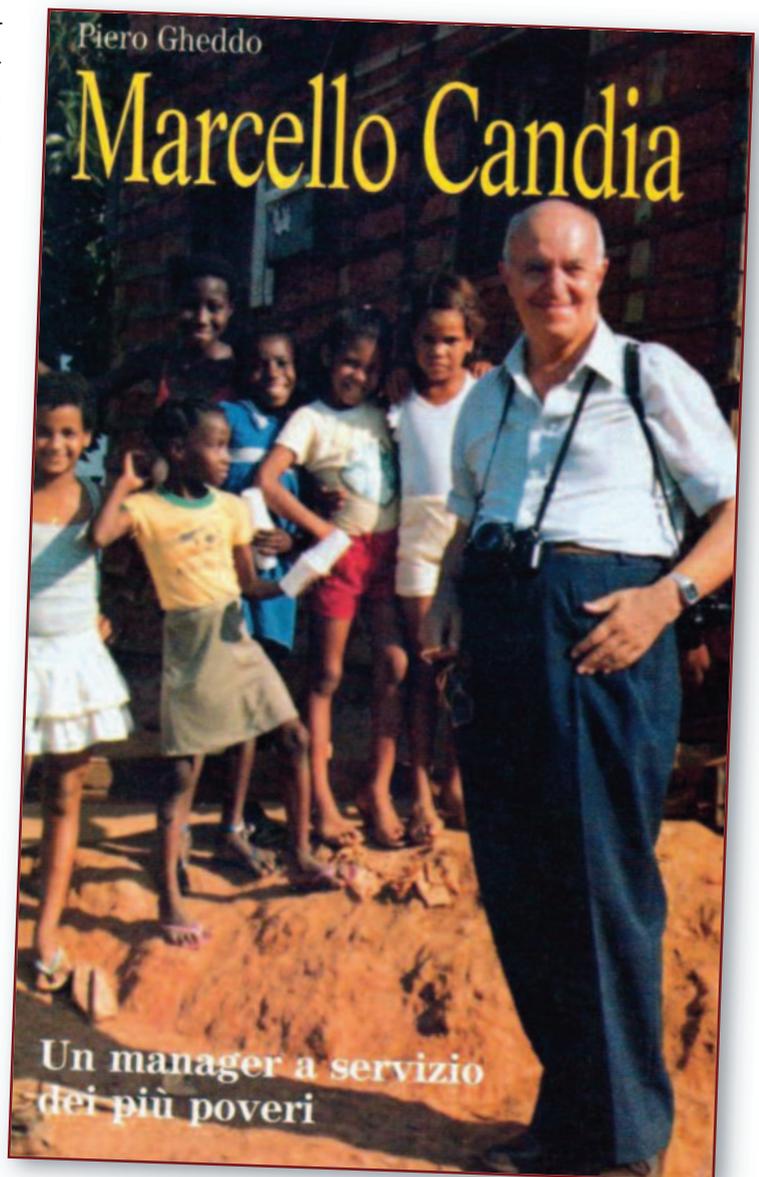
Finalmente, em 1965 o Candia vendeu tudo aquilo que tinha e foi para o Brasil.

A sua mentalidade organizada também lhe foi muito útil em missão. Fundou hospitais, leprosários, infantários, escolas que ainda agora funcionam à perfeição. Projetou e construiu o maior complexo hospitalar da Amazônia brasileira. Com 160 metros de comprimento, dividido em dois andares, o hospital tem 160 camas.

Marcello trabalhava dezoito, vinte horas por dia. Todos os anos voltava à Itália durante alguns meses para recolher fundos, para dar conferências. Obrigava si próprio a fazer esgotantes maratonas à procura de ajuda. Trabalhava por amor a Deus e não queria recompensas nesta terra. Nas sedes missionárias não queria ser tratado com nenhuma distinção. Mesmo quando estava muito doente, comia o que comiam os seus assistidos e nunca se queixava. Terminada uma obra, ofereci-a a um instituto religioso. Não queria ter ligações com ela, não queria ser o “proprietário”, o “diretor”, o “responsável”.

A sua grandeza espiritual, a autenticidade da sua profunda fé foi evidenciada no momento da prova suprema, quando soube que tinha um cancro em 1981. Os médicos disseram-lhe a verdade, mas ele quis continuar a viver como sempre, sem falar com ninguém da sua doença.

Poucos dias antes de morrer disse a um amigo: **«se o Senhor me pedisse um conselho, eu dir-lhe-ia de deixar-me aqui mais um pouco. Tenho tantas**



coisas para fazer. Mas se Ele me chamar, estou pronto para apagar a luz». Morreu em Milão, quarta-feira dia 31 de Agosto de 1983, às 17:30.

No dia 12 de Janeiro de 1991, o Cardeal Carlo Maria Martini, arcebispo de Milão, abriu o processo diocesano para a canonização de Marcello Candia, que concluiu-se a 8 de Fevereiro de 1994. Ainda está a decorrer a segunda fase do processo, a da Congregação dos Santos no Vaticano.

FONTES: “Marcello dos Leprosos” de Piero Gheddo (De Agostini); Artigo de Renzo Allegri em Il Faustino, 30 de Agosto de 2013

Caminhamos juntos

No Carisma dos Fundadores



Continuando a nossa reflexão relativa à espiritualidade do Ex-Aluno/a FMA, vamos observar a intuição da mulher que deu um estilo feminino ao carisma salesiano.

*de Gabriela Patiño, FMA **

O estilo mornestino

A espiritualidade da Ex-Aluna e do Ex-Aluno FMA, continua o Estatuto, e enriquece-se com os elementos carismáticos do estilo de vida e de ação de Maria Domingas Mazzarello que, com “intuição feminina”, partilhou com Dom Bosco o mesmo projeto educativo. Ela, como diz o Bilhete de Identidade da Família Salesiana, soube fazer uma leitura feminina da experiência de Dom Bosco, dando-lhe uma cara concreta e original na vida espiritual e na vida educativa e apostólica, património das Filhas de Maria Auxiliadora.

Na Assembleia Mundial de 2015, Madre Yvonne, apresentando o tema “Testemunhas da alegria nas periferias do mundo”, declara que em Valponasca “Maria Domingas, ainda menina, desenvolveu um sentimento de total abandono aos projetos de Deus; deixou-se envolver numa profunda relação com Ele até se render sem condições.

O espírito de Mornese tem a sua raiz e a sua eficácia no mistério Pasqual de Cristo. Na solidão da segunda Valponasca, Maria Domingas matutou uma intimidade que viajava com Ele: enquanto se sentia mais unida a Jesus, sentia a necessidade de estar ao serviço do mais pequeno e do mais necessitado.



Caminhamos juntos

Por isso, empenhou-se com aqueles que estavam em situações de dificuldade: os seus familiares doentes de tifoide, as meninas pobres que precisam de instrução e, depois, as FMA de quem foi a primeira Madre Superiora e a Cofundadora.

No logotipo da Associação, podemos ver, na parte inferior, as raízes, que nascem da Basílica de Maria Auxiliadora, que simboliza Dom Bosco, e a Valponasca que simboliza Madre Mazzarello. É a espiritualidade salesiana com o estilo mornesino.



Celebração Eucarística em Valponasca durante A Assembleia Mundial de 2015

Estas são as raízes no coração de cada Ex-Aluno/a, que escolheu a sobriedade como estilo de vida num mundo governado pela lei do aproveitamento e do frenético desejo de fingir e fazer com que acreditem naquilo que não se conhece. Sabe contrapor a simplicidade à lógica do abuso e do engano; que sabe como trazer felicidade saudável num mundo obscuro, triste e sem esperança, inspirando valores no meio de cenários apocalípticos. Ama o seu trabalho e dedica-se com determinação e seriedade até o transformar num motivo de ascensão. Sabe como tomar conta de quem está ao seu lado porque sente a responsabilidade. Procura a santidade nas expressões da existência observando o mundo com os olhos de uma criança inocente e admirada. Encontra na união com Deus e na meditação da Palavra o sentido da vida. Encarna, com esta maneira de ser, o amor do Pai vivido por Maria Domingas Mazzarello.

Como lês com a tua vida o estilo mornesino?

Quais aspetos das raízes no coração achas que tens de cuidar mais no teu ser Ex-Aluna/o FMA?

** Delegada Confederal*

**Santa Maria Domingas Mazzarello,
que dócil ao Espírito Santo
e seguindo o exemplo
de Maria Santíssima,
concretizaste fielmente
a vontade de Deus,
pede para mim ao Senhor
as graças espirituais e temporais
de que preciso,
para realizar
o seu desenho em mim.
Faz com que a minha vida,
apoiada à força da Eucaristia
e à ajuda da Virgem Santíssima,
se torne numa testemunha de fé
e de caridade,
na glória de Deus
e por extensão do Seu reino
no mundo.
Ámen**

“Ela fez tudo”

O SANTUÁRIO DE TIBIDABO EM BARCELONA

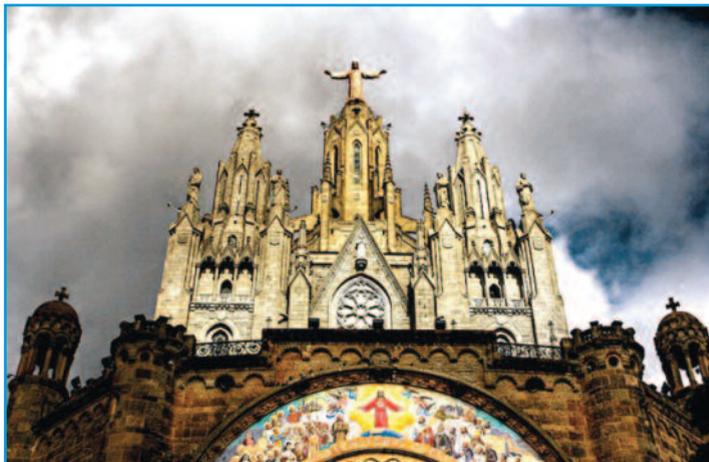
de Laura Pollino *

Todos sabem que o nosso querido Dom Bosco pensava uma e fazia cem! O seu carisma e a sua energia levaram-no a todo o lado sem indecisões, certo que “a famosa Providência” que sempre chegou para o ajudar!!

Assim, na longa viagem de comboio até Barcelona, São João Bosco teve um dos seus sonhos proféticos: via um monte onde se elevava um magnífico templo.

Dia 8 de Abril de 1886, Dom Bosco chegava à Cidade Condal, com o objetivo de confirmar o novo colégio salesiano de Sarriá e obter ajuda para o Templo do Sagrado Coração de Jesus, que ele estava a construir em Roma encarregado por Papa Leão XIII. Na longa viagem de comboio, Dom Bosco teve um dos seus proféticos sonhos: via um monte onde se elevava um magnífico templo; ao mesmo tempo, o barulho ritmado do comboio sugeria-lhe constantemente uma frase latina: “Tibi dabo! Tibi dabo! Tibi dabo! ... (a ti darei, a ti darei qualquer coisa).

Durante o último dia da sua estadia em Barcelona, dia 5 de Maio, quando foi dar graças à padroeira da cidade, a Nossa Senhora das Mercês, pelos bens recebidos nesta visita, recebeu das mãos de doze distintos e importantes senhores de Barcelona um documento onde estava escrito: “Para perpetuar a recordação da vossa visita nesta cidade, reunimos estes

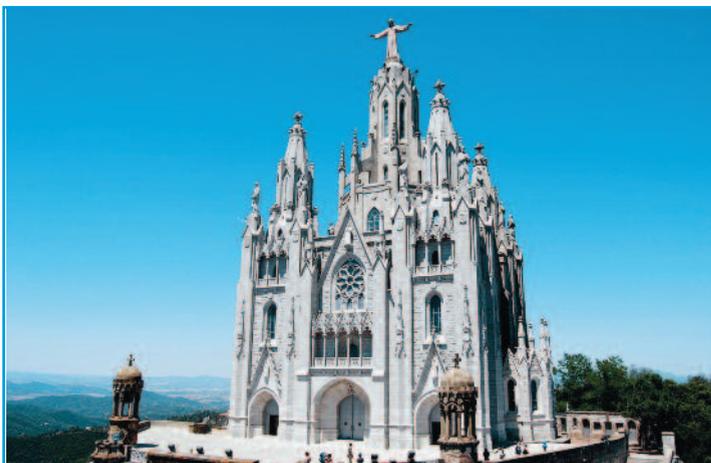


senhores, e de comum acordo, tomámos a decisão de dar-vos a ponta do Monte Tibidabo.

Isto para que, no seu topo, que corre o risco de tornar-se numa fonte de irreligião, seja elevado um santuário dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, para manter firme e indestrutível a religião que com muita cura e exemplo nos predicastes, e que é nobre herança do nosso país”.

Dom Bosco, já idoso, ficou comovido, e grato respondeu-lhes: “Vocês são instrumentos da Divina Providência, porque vocês concretizaram os meus inescrutáveis desenhos. Quando parti de Turim, pensava: “Agora a Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma está quase acabada, tenho de encontrar outra iniciativa para honrar e espalhar esta tão saudável devoção. E uma voz interior acalmava-me, pensando que aqui poderia satisfazer o meu desejo”; era uma voz que me repetia: “Tibi dabo! Tibi dabo!, Sim, senhores, com a vossa ajuda, em breve erguer-se-á neste monte um magnífico santuário dedicado ao Sagrado Coração, onde todos podem aproximar-se aos sagrados Sacramentos e ficará a perpétua memória da vossa caridade e da vossa devoção à religião católica”.

Dia 30 de Maio começou a construção de uma pequena capela financiada por uma senhora de Barcelona muito dedicada: a veneranda DonnaDorotea de Chopitea. Dia 3 de Ju-



“Ela fez tudo”

Logo ela foi abençoada e celebraram a missa já no domingo seguinte. Tristemente depois disso, alguns governantes não cristãos tentaram desviar o seu uso para “fins de utilidade pública”. Mas o fervor dos habitantes de Barcelona conseguiu impedi-lo. Logo no ano a seguir, 1887, formou-se um movimento popular: na segunda-feira de Pentecoste, começou uma peregrinação que, devido ao fato que os participantes apanhavam flores silvestres pelo caminho, recebeu o nome de Peregrinação dos Ram (ramos de flores em catalão). Ficou de tal maneira enraizado o hábito desta peregrinação que nem durante os anos da cruel Guerra Civil Espanhola deixou de ser celebrada, nem que fosse de maneira simulada. A ponta mais alta de Barcelona estava definitivamente conquistada pelo Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em 1902, o Cardeal Casañas, Bispo de Barcelona, colocando a primeira pedra do santuário, disse: “Santificar a montanha de Tibidabo, dedicando-a ao adorável Coração de Jesus é, sem dúvida, a melhor reparação que pode ser oferecida a Deus pelos cidadãos de Barcelona, pelas ofensas de qualquer tipo que se cometeram contra Ele na nossa cidade. O Sagrado Coração de Jesus eleva-se nesta ponta como eficaz para-raios que, desarmando os relâmpagos da Justiça Divina, irritada pelos nossos pecados, os converterá em faíscas de misericórdia que comovem e inflamam todos os homens”.

Em 1911 inaugura-se a cripta, mas a grande crise econômica atrasa os trabalhos.

Neste momento chegou a Providência: uma simples dona de casa, a Amelia Vivé Negra, sem nenhum outro meio de comunicação sem ser o seu fervor e calor comunicativo, promove uma campanha onde as entradas eram destinadas aos trabalhos. Assim, após as calamidades e os desastres da Guerra Civil, começaram os trabalhos que, finalmente, ficaram concluídos dia 10 de Outubro de 1961. Na copula foi colocada uma enorme estátua de bronze do Sagrado Coração.

Precisamente naquele dia, celebravam-se os 75 anos da doação do cimo do Monte Tibidabo a São João Bosco.

“Foi percorrido um longo e duro caminho. Sem dúvida, a vitória proclamada do alto desta montanha por este abençoado santuário é símbolo da glória que um dia a Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus



Cristo vai atingir, glória que Ele próprio profetiza: “Eu ganhei o mundo!” (Jo 16,33).

O Templo Expiatório do Sagrado Coração, um Santuário muito imponente e dominante: a fachada da igreja está decorada com estátuas colocadas em dois níveis. No primeiro estão representadas Damas e os Santos Jorge e Jacob, padroeiros da Espanha. No segundo, uma série de esculturas que representam Santos.

Todo o edifício parece dirigir-se para cima. Fazem parte do complexo, uma cripta inferior e uma igreja superior com uma ampla e sólida zona central, onde se eleva uma copula sustentada por oito colunas. Todo o estilo é uma combinação entre a linha romântica e a verticalização típica do estilo gótico. Na fachada principal, estão representadas as figuras do Arcanjo São Miguel e de São João Bosco.

O interior é dividido em três naves com absides semicirculares, janelas de vidro e quatro rosetas nas fachadas.

Nas janelas das quatro torres, muito importantes, está escrita a famosa frase latina “Tibi Dabo omnia” “A Ti darei qualquer coisa”.

Da cripta, em estilo neobizantino, pode-se ir para a capela da Adoração Perpétua, escavada na montanha.

Do alto da copula, a escultura de bronze de Cristo, de sete metros, domina e abraça toda a cidade!

A visita desta maravilha está incluída no programa das “LINHAS DE EMPENHO DE 2019” com a possibilidade de aprofundar e observar diretamente os pormenores artísticos, culturais e paisagísticos deste grande Templo, muito desejado por DOM BOSCO!

A Associação é Vida

Testemunhas de uma identidade

De **BELLFLOWER, CALIFÓRNIA**

Festa da Gratidão 2019

Síntese da Redação



TEMA

“Dêem-me o vosso corpo cansado, pobre, ressequido, desejoso de respirar livre”. Emma Lazarus (epitáfio na base da Estátua da Liberdade)

SLOGAN

“A Ti as entrego” A Nossa Senhora a Madre Mazzarello

ESCRITURAS

“Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”. MT 25, 40.

MADRE MAZZARELLO

“Podeis realmente vestir-vos do Espírito do Nosso Bom Jesus e por isso fazer muitas coisas boas para vós e para o próximo que está a precisar de ajuda” SMM, Carta: 26.4

A imigração é um tema decisivo no nosso mundo e na história desta Nação. Através da nossa missão de educação, podemos renovar a alma da humanidade com a cultura ao encontro, apoiando os direitos humanos e construindo pontes de compaixão. Os Estados Unidos da América nasceram de um povo de imigrantes que juntos deram vida a uma nova civilização.

Desde a sua Fundação até hoje, milhões de pessoas arriscaram para atravessar oceanos, fronteiras e pontes para além da pressão política, a discriminação e a violência. A história demonstrou que as pessoas podem viver e morrer convencidas de poder dar aos outros uma nova vida e esperança através da própria variedade cultural.

Este país é um refúgio e uma casa para pessoas provenientes de todo o mundo. Pessoas de todas as nações formaram esta Nação e demonstraram todos os dias que uma sociedade justa e amável é possível e pode tornar-se numa alternativa às fronteiras e aos muros. Hoje, a forte fé e a perseverança do povo do Estados Unidos da América continua a sobreviver e ultrapassar divisões, diferenças e formas de discriminação e violência. Temos que guardar perto do nosso coração as pala-

bras de Madre Mazzarello, “A Ti as entrego” enquanto continuamos a dar significado e esperança à nossa época, através da maneira como tratamos dos mais vulneráveis entre nós.

As Inspetoras dos Estados Unidos da América propõem que a nossa família Salesiana viva a Palavra de Jesus que é muito interessante, especialmente na realidade de hoje, porque muitos dos nossos irmãos e irmãs procuram um futuro melhor.

Este ano as ofertas, que as várias Inspetoras recolheram na Festa do Obrigado, servirão para desenvolver e manter um Projeto a favor dos Migrantes.



De **MONCRIVELLO** (Itália) O dom que vem do coração

de Daniela Regis *

Moncrivello, União salesiana Ex-Alunas/os ativa, aliás ativíssima no território para realizar projetos “dom” 2018.

“**Dom**”, assim definem com afeto as ajudas que realizam com o espírito salesiano. Nas fotos vemos-as a fazer biscoitos de chocolate, biscoitos de massa de meliga, bolos de chocolate e peras ou de maçãs com canela, coser aventais ou compor objetos para vender nas feiras locais.

Nos encontros de oração e trabalho reinam a união, o sorriso, as gargalhadas, a devoção a Maria Auxiliadora com a oração certa: do espírito santo ou da cura ou das Ex-Alunas. Há um clima de união de família nas decisões e na partilha. O “dom” é vontade de ajudar, de fazer, de levantar as mangas.

Os seus “dons” são para as crianças da escola de infância, para as crianças da escola primária da Moncrivello, para a Onlus Nem um a menos, da qual a primeira presidente, Regis Fiorella, nasceu e cresceu em Moncrivello. Um dom também para a Unidade de oncologia infantil do hospital Regina Margherita de Turim e UGI (União de Pais Italianos) de Turim. Alguns deles também tratam das limpezas da igreja, do catecismo e de outras tarefas quando necessárias.

Um projeto, que as /os Ex-Alunas/os de Moncrivello criaram e já estão a pôr em prática é “Não ao plástico”, este material que está a poluir irreversivelmente o fundo dos nossos mares, Na festa da Federação, e em outros encontros, usaram copos, colher para o café, pratos e guardanapos biodegradáveis.

Que seja um exemplo e mensagem para toda a Fa-



mília Salesiana o de querer criar um mundo mais limpo, não poluído pelo plástico, para o futuro dos nossos jovens.

Hospedeiras salesianas: Arianna, Vanessa, Veronica, Viola, são as jovens que no dia 2 de Dezembro em Moncrivello receberam e acompanharam com um sorriso, durante o dia, as/os Ex-Alunas/os que vieram à festa da Federação. Dia que recebeu o Conselho da Federação, a Ir. Giuseppina Franco, o Dom Fiorenzo e muitas/os Ex-Alunas/os.

A Ir. Giuseppina apresentou o tema do encontro “Eu sou missão”.

O dia 2 de Dezembro foi um dia muito intenso para Moncrivello, do ponto de vista da organização e de crescimento, aquele crescimento salesiano do qual as/os Ex-Alunas/os de Moncrivello nunca estão cheias porque a sua disponibilidade de fazer algo pelos outros nasce do coração.

* Presidente União Moncrivello



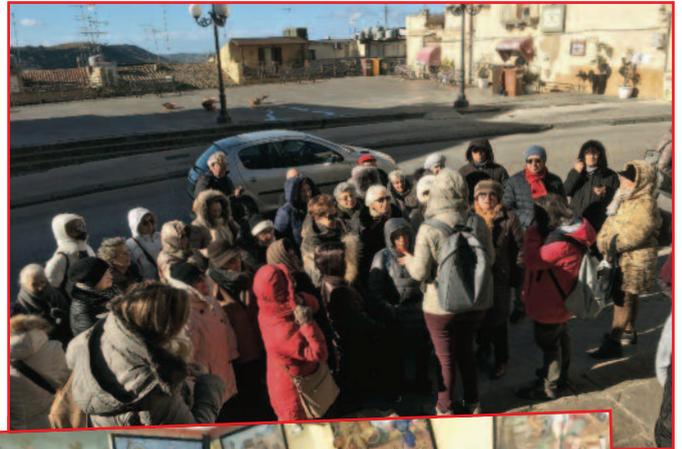
DE **CATANIA** (Itália) Juntas em Caltagirone

das Ex-Alunas Auxilium *

Cinquenta pessoas, pelas ruas de Caltagirone na mágica atmosfera do Natal onde participam todos e faz-nos viver uma viagem através dos presépios artísticos, com feirinhas, personagens animadas, rios, montanhas, casas, antigos trabalhos...

Um percurso especial. “A Rua dos Presépios e da Cerâmica”, que nos aproximou aos nossos símbolos, obrigando-nos a refletir no significado do Natal, do presépio que, para nós, tem um valor insubstituível, único e especial, por isso é-nos difícil aceitar a propaganda que só cria tensões e instrumentalização.

Os muitos Presépios de Caltagirone, que tivemos o privilégio de admirar, deu-nos uma grande sensação de humildade, de ternura e de amor, seguindo a tradição, e apreciámos a sua beleza, a arte, a criatividade, “a cultura popular”.



Por isso, vamos retomar o que é nosso: Jesus que se torna um de nós.

Redescobrimos, de vez em quando, a felicidade de “caminhar juntas”, desafiando o cansaço, o frio destes dias, porque a fraternidade solidifica as relações, faz-nos aproximar num abraço de fraternidade.

Ex-Alunas “Auxilium” Catania, Itália

DE **SALERNO** (Italia) A história continua...

as Ex-Alunas *

Quando as irmãs vão embora de um lugar, passados muitos e muitos anos de serviço completo, rico de espiritualidade, de abnegação, de total dedicação, torna-se num trauma para todos aqueles que tiveram o extraordinário privilégio de as conhecer e de respirar o seu carisma salesiano e mornesino. Assim foi para nós, Ex-Alunas de Salerno, quando à dois anos tivemos que aceitar este corte radical passados cinquenta anos.

Aquela casa, aquela capela, aquelas paredes contam a nossa história; foi ali que crescemos como jovens, como noivas, mães e depois como Ex-Alunas, apoiadas e acompanhadas carinhosamente pelas muitas freiras que por lá passaram.

Não podemos deixar de contar o doloroso sofrimento que esta escolha provocou em cada um de nós, a revolta, o descontentamento, a raiva. Não conseguíamos aceitar, não conseguíamos perceber o porquê desta escolha. Íamos sentir órfãs em pouco tempo, íamos perder como ponto de referência aquela “casa” e as muitas irmãs que tinham sido as nossas guias de vida e espirituais.

Mas não podíamos continuar deixando a saudade ganhar: encontrámo-nos, rezámos ao Senhor que nos desse força e coragem para continuar, ajuda a ler os sinais deste tempo, que é sobretudo tempo de graça.

Dirigimo-nos a Nossa Senhora Auxiliadora, pedindo-lhe companhia e proteção debaixo do

seu manto e, maravilha das maravilhas, recebemos como prenda das irmãs a estátua de Nossa Senhora Auxiliadora que estava na capela. Imaginem a nossa alegria!

Na fotografia estamos ao pé dela com a nossa delegada de Federação, a ir. Antonietta Ventre. Tristemente, recentemente faleceu prematuramente uma do grupo, a Rosaria Acquaviva, que foi uma conselheira de federação e presidente de união. A ela dizemos obrigada pela sua forte presença, energia e o coração sempre aberto às necessidades dos outros.



FAZEMOS MEMÓRIA

**Dia 31 de Maio e 30 de Junho,
Santa Missa pelas Ex-Alunas,
os Ex-Alunos, as FMA
e os familiares falecidos nestes meses.**



Da **FEDERAÇÃO DA LIGURIA** (Itália) Mornese um encontro importante

as Ex-Alunas *

Este ano, os nossos Exercícios Espirituais tiveram mais algumas dificuldades.

Mornese, que é uma meta cada vez mais procurada, já tinha acabado as vagas por isso antecipamos a data para o mês de Agosto e muitas de nós ainda estavam de férias com a família.

Como sempre, estavam presente 5-6 cooperadores, contentes pela oportunidade. Passado o primeiro momento de desorientação, continuámos com entusiasmo e os resultados chegaram.

O nosso Dom Mario, como sempre na primeira fila, com a ir. Ely, prepararam o tema, o livro, as leituras e as esplendidas conferências que nos deram tanta serenidade na profundidade da atmosfera salesiana. O livro feito pela Irmã Ely tinha como título: **“SENHOR, DAÍ-NOS SEMPRE DESTA ÁGUA!”** “Quem beberá a água que eu lhe der, não terá sede eternamente” (Jo 4,5-30).

O bom tempo ajudou-nos a esforçarmo-nos para viver aqueles dias na fraternidade e na reflexão; bastava olhar pelas janelas para sentir a profundidade daqueles lugares cheios de espiritualidade salesiana.

O acolhimento da nossas irmãs, do Instituto e do Colégio, é sempre maravilhoso, não só nos fazem sentir em casa, como no centro de uma família que nos renova e nos dá a força para enfrentar mais um ano. Tristemente começámos o ano com muita dor devido aos vários mortos no desastre da ponte Morandi em



Génova. Esperamos que as nossas orações ajudem quem sofre e quem está em dificuldades.

De todas nós, Ex-Alunas/os, cooperadores, etc., que pertencemos à família salesiana um até para o ano, cada vez mais numerosas.



De **TORTONA** (Itália) Um dia inesquecível

de Mariza Barbieri *

Sábado, dia 8 de Dezembro, para a festa da Imaculada Conceição, no instituto São José de Tortona, decorreu a habitual e tanto esperada cerimónia anual da entrega dos diplomas do ano escolar 2017/2018 da escola do segundo ciclo.



Depois da Missa, os jovens Ex-Alunos foram “coroados” com o típico louro e receberam os diplomas diretamente das mãos do presidente da câmara, o Dr. Bardone, e do assessor da instrução da Câmara Municipal de Tortona, a D.ra Graziani.

Todos os anos, a cerimónia tem a uma novidade, graças ao contributo do Grupo de Jovens da associação dos Ex-Alunos /as. Este ano, prepararam um simpático canto fotográfico. Sempre presente a “barraquinha da solidariedade”, preparada pelo conselho da associação, que, todos os anos, com a ajuda dos voluntários sempre a aumentar, realizaram lindas obras com as mãos e com os corações, contribuíram a recolher ofertas para manter famílias com crianças em dificuldade e para realizar projetos com outras realidades do território, como a “Casa do acolhimento”. O evento decorreu num clima calmo e alegre e não faltaram momentos co-

moventes: a Clara, uma jovem estudante, entregou à diretora do instituto, a ir. Annunziata, uma oferta para as obras de caridade em nome do seu querido avô.

O contributo, dado à família da Clara pelos familiares e amigos, mas seguindo o pedido do Papa Francisco, foi redado ao instituto para ajudar as obras salesianas na Síria.



* Presidente União Tortona

É noite, é a noite de dia 25 de Novembro de 2018, dia que ficará marcado na minha memória durante muito tempo.

Sinto a necessidade de escrever para exprimir o turbilhão de emoções que sinto e, devo dizer, que ajuda-me a esclarecer estes sentimentos. O que é que me enche o coração? É surpresa, reconhecimento, satisfação, alegria. Explico-vos o porquê. Depois do congresso em Assis, o Conselho de Federação de Conegliano tinha programado um dia de formação com o tema “A alegria fruto da paz”, tema que sentíamos a urgência de aprofundar e acordámo-nos com a Federação de Pádua, com quem colaboramos e programamos encontros comuns. Quando a nossa Delegada propôs-se convidar e animar o dia para a Conselheira da Família salesiana, a Ir. Maria Luisa Miranda, que sabemos estar muito ocupada a visitar as várias realidades salesianas em todo o mundo, pensamos que estava a pensar demasiado em grande; nós do Conselho de certeza não estávamos à espera de tanto. Não só a irmã Maria Luisa aceitou, como propôs trazer consigo a Delegada Mundial, a irmã Gabriela Patiño! Não é o Papa Francisco que nos diz para não termos medo de sonhar em grande? Bem, nós assim fizemos e o nosso sonho foi realizado.

A Irmã Maria Luisa, com a nossa delegada, a irmã Eleonora, programou com grande precisão o dia e deu material muito interessante para os laboratórios. Nós tínhamos algum medo: quantas aulas tínhamos a disposição? Como organizar os transportes para não perder muito tempo? Onde e o que dar para o almoço de 180 pessoas? O trabalho proposto era bastante difícil, será que íamos ser capazes de o fazer bem?

Ao fim do dia posso dizer que Deus é muito generoso em quem confia Nele.

O dia decorreu sem problemas, foram respeitados os programas e os horários, dos laboratórios saíram muitas reflexões profundas e indicações concretas para tornarmo-nos artesãs da paz. Aqui estão

De **CONEGLIANO** e **PÁDUA** (Itália)
Crono-história de um dia fantástico

de Anna Maria Mazzer *



algumas: antes de mais nada é necessário começar consigo próprios, cultivando e praticando a justiça, a calma, a paciência, a humildade, a misericórdia, a capacidade de meditar, a compreensão, a aceitação, a escuta e o perdão. Para levar a paz à família, ao ambiente de trabalho, na comunidade civil tenho primeiro de construir a paz dentro de mim, aceitando as minhas fragilidades e sabendo perdoar-me, só então serei capaz de aceitar os outros como são e não como eu gostaria que eles fossem, com as suas qualidades, mas também com as suas sombras e assim saberei perdoar. A paz é uma prenda de Cristo ressuscitado, prenda que recebemos com a sua morte na cruz. É por isso que para construir paz é necessário deixar morrer o eu próprio para que nasça o nós, para que se obtenha a unidade pela qual Cristo rezou antes de morrer.

A paz é um ideal que nunca será completamente alcançado nesta terra, dada a fragilidade da nossa humanidade ferida pelo pecado, mas por ela queremos empenhar-nos, para construir o Reino de Deus, que é Verdade, Justiça, Misericórdia, Amor, Paz, Alegria. Só um coração em paz pode saborear a verdadeira alegria,

portanto podemos dizer que a alegria, à qual aspiramos, é fruto da paz. Então podemos fazer uma equação: paz = alegria. Queremos ter a alegria no coração? Empenhemo-nos a construir a paz. Para acabar, a irmã Gabriela, irmã pequena, mas com grande entusiasmo e paixão, contou-nos as realidades das Ex-Alunas/os de outros países do mundo, fazendo-nos perceber quantas potencialidades de bem tem a nossa Associação. Sentimo-nos acariciadas e amadas, encorajadas e estimuladas a sujarmos as mãos para tornar o mundo melhor e mais próximo ao projeto de Deus.

Obrigada ir. Maria Luisa e ir. Gabriela. Tentaremos tirar proveito do dom que nos destes.

** Presidente da Federação Veneta Pádua*



Álbum de família



Brasil, Bagé: “E Vida é linda e é linda...!”

Os Ex-Alunos do grupo de ‘Laura Vicuña’ encontram-se todos os anos para partilhar alegrias e tristezas. ‘Se nos equilibrarmos com a vida as coisas boas irão chegar!’

Itália, Vallecrosia: Um dia associativo especial! Não é preciso tocar... o portão do nossa antiga e querida escola está aberto; sem horários, fardas, mochilas, livros os lanches... só muita vontade de nos reencontrarmos. O mesmo refeitório, o mesmo chão, as mesmas mesas de madeira compridas onde partilhámos o mesmo ‘pão’. Muitas memórias e histórias e no coração o mesmo amor por Maria Auxiliadora.



Itália, Caltagirone: Um lindo passeio para fechar o nosso ano associativo e para começar outro ano cheio de empenhos e de vontade de estar juntas e espalhar o nosso espírito salesiano àqueles que nos rodeiam.



Itália, Nunziata: Momentos de fraternidade para enriquecer e fortalecer a nossa fé e vontade de estar unidas para espalhar o espírito salesiano.



Itália, Roma, Sagrado Coração: Uma emoção muito forte! Passados 30 anos voltam-se a encontrar as Ex-Alunas... Memórias que voltam e que enchem o coração.



Chile: Juntos para partilhar muita alegria e espírito salesiano...



Itália, Novara: As Ex-Alunas Novareses voltaram a Mornese Mazzarelli desejosas de matar a sede nas fontes do carisma.



Itália, Oggiona:
Uma linda noite de festa... um jantar simples servido com muita felicidade e alegria! Se bem que as freiras já não estão presentes na nossa aldeia à anos, com muitos esforços ocupamo-nos em muitas atividades e no dia-a-dia com estilo salesiano. Confiamos em Maria Auxiliadora e na nossa grande Família Salesiana.



Itália, Cavagnolo: Bem-vinda Irmã Caterina!!! Emocionadas e felizes as Ex-Alunas foram acolher a nova delegada que irá fazer parte da sua linda 'companhia'.

As mãos no mundo

Empenho sem fronteiras

Quando a **GUERRA** acabar

de Alessandro Ciquera *

A tenda está suja, como muitas neste campo esquecido em Akkar.

As famílias vivem umas ao lado das outras, neste túnel de existências esmagadas, mas ainda não derrotadas pela guerra.

Este campo é diferente dos outros: aqui têm o apoio económico de um xeique saudita que desde alguns anos deixa que 350 pessoas, divididas em aproximadamente 50 famílias, vivam sem pagar o aluguer da terra, coisa que a maior parte dos refugiados tem de fazer.

No outro lado da medalha o campo tem regras muito rígidas, incluída a obrigação de rezar cinco vezes por dia na mesquita, sob penade exclusão da “comunidade”. Não se fala de política e não são admitidas críticas às obras de quem gere; cada núcleo tem que se meter na própria vida se não quer ter problemas.

As famílias têm que fazer as compras nas lojas dos libaneses locais, donos dos terrenos, e quem não se põe na linha é ameaçado e nalguns casos agredidos fisicamente. Murmura-se queo xeique no passado tenha utilizado esta reserva de almas para encontrar esposas para a sua corte. Vítimas entre as vítimas.

Neste canto de desespero insere-se o Abu Daud, que chegou de Homs para fugir à violência e à destruição do seu bairro. Ele absolutamente não é o estereótipo de um herói contemporâneo. Tem uma personalidade muito simples e tímida, os fortes traumas da guerra provavelmente provocaram-lhe problemas mentais. Passa os dias a trabalhar na tenda e a mexer duma maneira anormal.

“Quando irá acabar a guerra?”, pergunto-lhe enquanto estou sentado à frente dele a beber chá. Dizem que quem é considerado louco diz sempre a verdade; Abu Daud abana a cabeça rapidamente e com a mão faz sinal negativo, “Não acabará, não há volta”.

As suas crianças olham para nós, nestes dias vamos levá-los para o hospital porque precisam de uma operação às mãos devido a uma deficiência.

Enquanto falamos noto uma gaiola vazia pendurada



numa parede. Curioso pergunto: “De quem era?”, Abu Daud ilumina-se um pouco e diz “Minha”. Com um gesto pede aos filhos que lhe tragam a outra gaiola, que estava dentro da tenda, onde estão dois canários, um amarelo e um vermelho com riscas amarelas; parece um punk dos anos ‘80. Faz-me sentir ternura.

Antes que possa fazer mais alguma pergunta, Abu Daud diz: “Tomar contadeles ajuda-me a libertar a cabeça”. Depois volta-se a fechar no seu silêncio, quebrado de vez em quando por um sorriso, quando olha para os seus pequenos pássaros. Penso nas poucas palavras que disse “ajuda-me a libertar a cabeça”: em cinco palavras diz tudo. A guerra, a fuga, a fome, a marginalização, a liberdade. Como se o sentido da vida se pudesse encontrar num ser que voa, indefeso e esplendente. Tomar conta de alguém como uma proteção contra a desumanização. Num dos campos de refugiados mais pobres de Akkar, numa zona de fronteira do Líbano, vive um homem, a sua família e dois canários.

Voltamos à tenda, recomeça a chover. Lembro-me de Lewis Carol com o seu país das maravilhas.

“Alice: Quanto tempo é para sempre?

Coelho Branco: Às vezes minha querida, só um segundo”.

* Ex-Aluno União M. Mazzarello – Via Cumiana, Turim - Itália



nem um a menos onlus

Projecto de desenvolvimento
das ex-alunas/os das filhas de Maria Auxiliadora

www.nonunodimeno.org



150 - ITÁLIA – Pádua – ASSOCIAÇÃO ALISOLIDALI ONLUS AJUDEMOS AS CRIANÇAS A CRESCER FELIZES

Quem? Por volta de 25 crianças em idade escolar

Onde? Em Pádua na estrutura gerida pela “Associação AlisolidaliOnlus”.

O quê? A iniciativa começou em 2014 com um grupo de pais adotivos e Ex-Alunas FMA ao serviço da comunidade que se propuseram de ajudar famílias com dificuldades indicadas pelo institutos, paróquias e Caritas. A felicidade e possibilidade de um futuro sereno passam também através da despreocupação e neste momento os

voluntários precisam de uma ajuda para comprar brinquedos para entreter os mais pequenos, cheios de vida, de entusiasmo e de esperança.

Custo do projeto: Euro 2.500,00 /

Responsáveis: S. Merlin, Alisolidali, Pádua – Ir. T. Pavan, Inst. M. Auxiliadora Pádua

151 - ITÁLIA – Pádua – ASSOCIAÇÃO LEONATI MAIS UMA CASA PARA AS MENINAS

Quem? 6 meninas para terminarem o percurso de estudantes numa casa-família

Onde? Em Pádua, na casa-família gerida pela Associação Leonati que trabalha no território desde 1993 com duas casas-família onde acolhem meninas e jovens que não podem contar com o apoio das suas famílias e foram seguidas pelas irmãs Salesianas ao longo do seu percurso até à maior idade.

O quê? Queremos permitir as estas 6 jovens, já maiores de idade, de ficar na estrutura, que consideram como casa há já alguns anos, para permitir-lhes acabar os estudos e atingir a própria autonomia económica e de vida.

Custo do projeto: Euro 2.500,00 /

Responsáveis: AlessandoSantaterra, Ass. Leonati, Pádua – S.ra A. Scarsi, Fed. Pádua



ODEM ENVIAR A VOSSA AJUDA PARA OS PROJECTOS E O APOIO À DISTÂNCIA ATRAVÉS DE:

Transferência bancária nº 69867380 intestato a **Non uno di meno Onlus**

IBAN IT11T076010320000069867380 Bic-Swift BPPIITRRXXX

Conta Bancária Postal IBAN IT11T076010320000069867380 Bic-Swift BPPIITRRXXX

Banco Prossima IBAN IT 88 0 03359 016001 00000125496 Bic-Swift BCITITMX

Banco Unicredit - IBAN: IT 08 K 02008 05008 000401396792 Bic-Swift UNCRITM1B88

Ler é uma aventura

Sete breves lições de física

de Carlo Rovelli

escrito por Lorenzo Trapassi *



Quem disse que a física é uma matéria difícil? E que um livro de física tem de ser um volume universitário pesado?

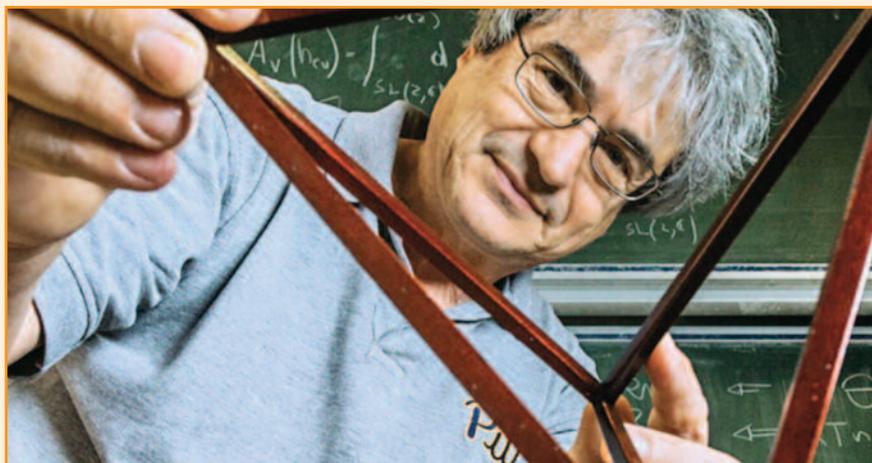
Evidentemente quem o disse ainda não leu as “Sete breves lições de física” (2014, n.t.: O livro não foi traduzido para a língua portuguesa) de Carlo Rovelli, um livro pequeno, divertido e agradável. Um livro de física. Sim porque neste texto o Autor dá aos seus leitores sete lições sobre sete questões fundamentais da física, e consegue fazê-lo com um estilo simples e acessível a todos, sobretudo àqueles que não têm uma preparação científica.

Graças a Carlo Rovelli, cada leitor pode compreender a teoria da relatividade de Einstein, os fundamentos da física quântica, a arquitetura do cosmo e muitos mais. Assim, as “sete breves lições de física” podem ensinar, a quem não sabia, a evolução da física no século XX.

Uma falha cultural muito frequente, que muitas vezes é associada a recordações desagradáveis de testes na esco-

la e noitadas passadas a preparar os exames. Mas, como se costuma dizer, nunca é tarde para aprender algo novo.

O livro de Carlo Rovelli é um daqueles que os professores poderiam usar para motivar os seus alunos a empenhar-se nas aulas. Naturalmente, não só no estudo da física. As “Sete breves lições de física” percorrem todo o século XX, explicando como as experiências e os estudos científicos tiveram um papel principal na história atual, em tempo de paz, e, tristemente, também em tempo de guerra. No fundo, com este texto, perceberemos que a qualidade da nossa vida depende dos progressos da pesquisa científica e das mulheres e homens que se dedicaram a ela.



O Autor



Carlo Rovelli é um físico que nasceu em Verona (Itália) em 1956. Trabalhou nos Estados Unidos da América e na Itália, atualmente é professor de física teórica em França, na Universidade de Aix-Marseille.

Para além de ocupar-se de física, dedicou várias publicações à história do pensamento científico e à filosofia da ciência, recebendo vários reconhecimentos pelo seu empenho na divulgação científica!

A família torna-se naquilo que és

Explorar o mundo das relações



Quinto e último evento crítico: a família com PAIS idosos

de Raffaella Messina *

O ninho está vazio, os filhos foram-se embora de casa e provavelmente construíram a própria família; chegam os netos e os pais tornam-se avós. Normalmente esta fase é acompanhada por eventos típicos da terceira idade como a reforma, o envelhecimento, a diminuição das capacidades físicas e às vezes as doenças. A terceira idade requer muita coragem para enfrentar estes desafios e mudanças, e pode ser um momento da vida de grande satisfação para a pessoa idosa que, mesmo com menores capacidades físicas, está rica de sabedoria de vida e pode colher e aproveitar os bons resultados das próprias ações.

Juntos vamos ver tarefas e dificuldades desta última fase do ciclo de vida da família.

Investir no casal idoso e redefinir a própria identidade. Diante dos muitos desafios desta fase, o casal assume cada vez mais um papel fundamental de recurso em quem contar para encontrar-se ainda mais unidos. Livres do trabalho e com os filhos já independentes, os esposos têm a possibilidade e muitas vezes a necessidade de redescobrir os velhos interesses ou de construir outros para redefinir e reestruturar o próprio tempo e conhecer-se de maneira diferente.

Típicas dificuldades. Se o casal não conseguiu chegar nas fases anteriores a um bom nível de intimidade e de solidariedade, nesta fase os parceiros podem não sentir-se aceites e amados pelo outro nos momentos de dificuldade. A perda



da atividade laboral e do papel de pai, para além dos aspetos materiais, é acompanhada pela geral perda de reconhecimento social. Algumas vezes isso trás um sentimento de vazio, falta de sentido e de importância pessoal. É preciso enfrentar esta condição de crise interior, em vez de negá-la, para poder colher os frutos de uma vida e aproveitar a terceira idade.

Construir uma relação avós-pais. Muitas vezes nesta fase nascem e crescem netos. Avós e os filhos adultos, que agora por sua vez fizeram filhos, desenvolvem uma relação de igualdade Adulto-Adulto onde partilham o “ser pais”. Desta maneira as duas gerações trocam apoios e cuidados.

Típicas dificuldades. Podem existir “suspeitas” entre avós e recém-pais que derivam do fato que as tapas evolutivas das fases anteriores não foram enfrentadas. Por exemplo, como dizíamos no artigo anterior, os avós podem ter obstaculizado o

crescimento, a individualização e a real autonomia do filho e isso criou nos filhos a incapacidade de tornar-se interiormente autónomos dos próprios pais. Para o bem de todos, incluídos os netos, é preciso enfrentar estas questões que não estão resolvidas.

Estabelecer uma relação entre avós e netos.

Uma das tarefas mais alegres, se tudo correu bem nas fases anteriores, é construir a relação com os próprios netos. Na relação com os netos, os avós alimentam a própria vitalidade enquanto que para os netos a relação com os avós quer dizer continuidade e sentimento de pertença a um grupo familiar mais amplo com uma história, uma cultura e uma tradição.

Típicas dificuldades. Se houve uma fratura entre avós e recém-pais esta terá como consequência o obstaculizar a frequência entre avós e netos; pelo contrário como dizíamos antes, os avós podem estar demasiado presentes e substituir os pais nas suas funções afetivas e normativas, porque o pai fica ancorado à posição de filho continuando a delegar o seu papel ao próprio pai.

Elaborar o luto. Quando um parceiro idoso morre, o outro tem de fazer contas com a perda da pessoa que ama com quem partilhou décadas de vida. Para além do parceiro, toda a família alargada precisa de elaborar o luto pela pessoa perdida. A elaboração do luto requer tempo e a disponibilidade a estar abertos aos próprios sentimentos dolorosos.

Típicas dificuldades. Por vezes o parceiro que sobreviveu não consegue atravessar o processo de elaboração luto mesmo que a rede social dos familiares o ajuda motivando-o e acompanhando-o na dor. Por vezes o parceiro que sobreviveu não consegue encontrar a energia para enfrentar a perda e pode acontecer que adoça e siga na morte o seu companheiro/a de vida.

** psicóloga, Ex-Aluna salesiana*



O último discurso a uma plateia do grande mundo, dado por Golda Meir em Washington em Dezembro de 1973, ao final da guerra de Kippur.

Os Americanos informam-na das intenções de Sadat de garantir as fronteiras de Israel. Golda percebe que, se calhar, a sua longa teoria de batalhas está para acabar.

Apresenta-se radiante diante dos média. Fala rapidamente, com humor, vira as piadas a quem lhas faz.

Depois um jornalista pergunta: «O seu contributo foi essencial para o nascimento de uma nação. Qual é o desejo que ficou por ser realizado?».

Uma Golda invulgarmente cansada responde: «Dormir. Quero mesmo dormir como uma velha que está cansada de viajar, de discutir, de chatear-se...».

Terceiro milénio

O presente que já é futuro

AS MULHERES QUE MUDARAM A HISTÓRIA

Mulheres, do presente ou do passado, de quem se fala, mas fala-se pouco

escrito por Cristiana Mariani

Nasceu em Kiev em 1898 numa família de judeus ucranianos, o seu verdadeiro nome era Golda-Mabovitz.

De facto, foi o fundador de Israel, David Ben Gurion, passados muitos anos, que lhe impôs um nome que se parecesse mais “judeu”. Meir, que significa “iluminado”.

A família Mabovitz, na Rússia, não tinha uma vida fácil. Naque-la altura os judeus eram perseguidos pelo regime czarista. Assim, quando a Golda tinha ape-

nas 8 anos, mudaram-se para os Estados Unidos da América, para Milwaukee, no Wisconsin. O amor pela América ficará uma das raízes da sua vida: «A América que eu conheci, é um lugar onde os homens a cavalo protegem os cortejos dos trabalhadores. A Rússia que eu conheci, é um lugar onde os homens a cavalo massacram os jovens socialistas e os judeus».

Quando aos 14 anos muda-se para Denver para casa da irmã mais velha, por uma discussão com pais que queriam que deixasse os estudos, a Golda encontra pela primeira vez o mundo literário, o feminismo e o sionismo. É amor à primeira vista. O outro amor chega aos 15 anos, quando conhece Morris Meyerson, que três anos depois tornar-se-á seu marido. Será um companheiro, o pai dos seus filhos, mas também o maior arrependimento da sua vida. «Era uma



criatura maravilhosa, e com uma mulher diferente ao seu lado teria podido ser feliz».

Em 1921, aos 23 anos, parte com o marido para a Palestina. A viagem é longa e acidentada: do Oceano Atlântico chegam ao Mediterrâneo. Desembarcaram em Nápoles e dali, através de vários barcos e comboios, chegaram à Terra Santa. Ao contrário da vontade do marido, a Golda consegue fazer com que toda a família se mude para um kibutz. É ali, numa aldeia onde os trabalhadores vivem numa sociedade baseada na comunhão de propriedade e com regras solidárias, que começa a sua verdadeira formação política. A experiência no kibutz dura até 1924. Depois, toda a família muda-se para Jerusalém.

O empenho político cresce e, em 1928, foi nomeada secretária da União das Mulheres Trabalhadoras (Women's Working Council).



Em 1964, torna-se chefe do departamento político da Agência Judaica pela Palestina, após ter tido uma excelente carreira na central do sindicato.

O ano de 1950 trás um evento trágico para a Golda: o seu marido Morris morre de ataque cardíaco. O casal já vivia separado á anos. Mas, ela nunca tinha deixadode sentir uma profunda afeição e grandes sentimentos de culpa para com o companheiro, constantemente em segundo lugar na sua vida, onde a política era sempre o primeiro.

Outra questão é relativa ao difícil acordo de paz entre Israel e a Jordânia com o rei da Transjordânia,

AbdullahIbnHusayn. De facto, no primeiro encontro, que decorreu numa tenda entre o Rei e a Golda, esta estava mascarada de beduíno para não ser reconhecida.

O aspeto físico da Golda provocava piadas muito más. «És o melhor homem do meu governo», repetia muitas vezes com sarcasmo o Bem Gurion, referindo-se não à falta de feminilidade, mas a uma garra fora do normal. De resto a Golda usava sapatos ortopédicos, nunca usou sapatos de saltos, fumava sessenta cigarros por dia, tinha as mãos amarelas pela nicotina e bebia muitas chávenas de café. No entanto, preocupava-se em usar, nas ocasiões públicas e privadas, um fio de pérolas e verniz rosa nas unhas. Não era religiosa praticante. «Em menina ia à sinagoga só no dia do ano novo judeu, para acompanhar a minha mãe e encontrar-lhe um lugar onde se sentar». A sua noção de religião não vinha da fé ou

dos dogmas, mas da confiança instintiva nos homens e do amor teimoso pela humanidade.

Em 1963 foi-lhe diagnosticado um linfoma. Três anos depois, cansada e doente, despede-se do lugar de ministro das relações estrangeiras.

Inesperadamente volta ao cenário político em 1968 com cargo mais importante: primeiro ministro. É a primeira mulher a ser eleita para ocupar o cargo político principal do Estado de Israel.

Naqueles anos, a Golda, fortalecida por uma sólida amizade com o presidente americano Richard Nixon, encoraja a imigração dos judeus americanos para Israel: foram em massa, não chegam “sobre as asas da águia”, mas com as dos aviões de David Bem Gurion.

Sanguinária, prepotente e às vezes colérica, não era amada pela imprensa internacional.

Entre os cronistas tinha poucos amigos. Um destes era a ponta de diamante do jornalismo italiano do século dezanove: **Indro Montanelli**. Alto e distraído ele, massuda e sempre vestida de preto ela, muito diferentes fisicamente e de origem, mas unidos por uma afinidade intelectual e por uma forte estima recíproca.

Ao início dos anos Setenta o governo israeliano enfrenta duas das mais dolorosas crises internacionais:

o massacre de Mónaco e a guerra de YomKippur. Durante as olimpíadas em Mónaco de Baviera em 1972 um comando palestino, chamado “Setembro negro”, toma refém a delegação dos atletas israelitas. Os palestinos pedem em troca a libertação de alguns prisioneiros políticos, mas a Golda mantém firme a sua linha política: não negocia com terroristas.

Foram massacrados todos os oitos atletas. A vingança chega, mas com calma: era ordenada a execução (pelas mãos dos agentes do Mossad israelita) de todos os responsáveis da tragédia do Mónaco, naquela que será conhecida como a operação “Ira de Deus”.

Outro banho de sangue acontece em 1973, quando Israel é inesperadamente atacado durante o YomKippur (dia da expiação que para a religião judaica é dedicada ao jejum e à oração) pelo Egipto e pela Síria. O primeiro ministro foi esmagado pelas polémicas, mesmo depois da investigação interna que demonstrava que as suas ações tinham sido corretas. Um golpe e uma humilhação insuportáveis para a Golda, já consumada pela leucemia que não lhe dava descanso. Assim, poucos dias antes do seu 76º aniversário, retira-se da vida política.

Os últimos anos de Golda são íntimos, introspectivos, densos de nostalgia.

«Quando uma mulher não quer só ter e crescer filhos, mas quando uma mulher quer ser alguém... bem, é difícil. Sei-o por experiência pessoal. Estás no trabalho e pensas nos filhos que deixaste em casa. Estás em casa e pensas no trabalho que não estás a fazer. Desencadeia-se uma luta dentro de ti: o teu coração parte-se em bocados».

Enérgica e potente, capaz de condicionar com um só bater de pestanas as do Médio oriente, dedicou a sua inteira vida aos seus dois grandes amores: o socialismo e a Terra Prometida.



EU NÃO DESPERDIÇO: *Reutilízo*

GARRAFAS DE VIDRO *RENASCEM COM A COR*

Tendo entre as mãos uma garrafa ou um pequeno vaso de vidro com uma forma interessante e agradável, quem nunca pensou 'que pena deitá-lo fora!' Pois bem, aqui escrevo como adicionar cor às vossas prateleiras, mesas ou varandas com poucas passagens.



Querem dar um toque primaveril às vossas salas? O que pode ser melhor do que fazê-lo aproveitando as garrafas e vasos de vidro que estão em casa tornando-os lindíssimos vasos para plantas e flores. A primeira coisa a fazer é reunir algumas garrafas e vasos transparentes e decidir qual cor usar.

Pode ser uma só cor, que fará várias tonalidades consoante a cor do vidro, ou então usar várias cores, inspirando-nos, porque não, às tonalidades do pôr-do-sol, do amarelo ao roxo.

Podem-se usar as aguarelas, as tintas ou os verni-

zes. Primeiro diluir o verniz com um pouco de água para encher a garrafa (sem que fique demasiado líquida) e aspirar com uma seringa que se pode comprar em qualquer farmácia.

Depois deitar todo o verniz na garrafa ou no vaso com a ajuda da seringa. As garrafas maiores precisam de 80 a 100 ml de cor. Mexer a garrafa para fazer com que o verniz chegue a todas as paredes do recipiente. Quando tiver cor em todos os lados, deixar as garrafas e vasos virados ao contrário vá-



rias horas num lavatório ou sobre papel de cozinha, para deixar escorrer o excesso de cor. Pondo de pé as garrafas pode-se limpar o excesso de verniz dos bordos. Deixar secar completamente durante alguns dias. Se usarem aguarelas, não se pode encher os recipientes com água. Será preciso utilizar tubos de plástico dos floristas pra pôr as flores com as quais queremos decorar os nossos vasos. A escolha das flores tem de ser consoante os gostos. As margaridas, por exemplo, são perfeitas.

Fonte: www.greenme.it;

ABITARE ECO FAI-DA-TE Roberta Ragni



Um pensamento para viver

O comentário do diretor



Professora! Espero... “vida”

As surpresas são sempre bem-vindas, principalmente naqueles momentos da vida em que as coisas não correm como deveriam. Efetivamente nunca pensei encontrar um meu aluno, de uma escola que estava num contexto social de alto risco de deviação e delinquência, que me foi difícil reconhecê-lo: tornou-se num homem!

Senti chamar: - Professora! – enquanto fazia as compras num supermercado perto de casa. Foi uma agradável surpresa! Fez-me viajar no tempo, contando muitos episódios agradáveis que vivemos juntos e que eu já tinha esquecido.

Encheu-me o coração de ternura quando começou a contar-me a sua realização profissional, do seu empenho como voluntário e do seu esforço diante das dificuldades ligadas ao ambiente de onde vinha. Disse-me que se tinha sentido profundamente amado, por mim, e que lhe tinha deixado uma marca, muito forte, uma das histórias que tinha lido na aula, chamada “A Gaivota Jonathan” de Richard Bach.

Como num flashback desenrolaram-se as minhas memórias e a atenção que, quase por encanto, conseguia obter quando lia com paixão, ao ponto de fazer com que os alunos entrassem na história, criando um efeito “magnético”, que para mim era muito importante para ensinar.

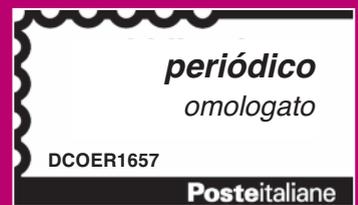
Como todos sabemos, Jonathan é uma jovem gaivota que quer ultrapassar os limites, sem se preocupar da opinião dos outros e dos limites das leis do Bando, e, por isso, enfrentando e ultrapassando situações difíceis. Podem parecer uma história simples e banal para crianças, mas esconde o profundo significado da vida: a procura da liberdade e da realização pessoal.

Domenico, o aluno que eu encontrei, de certeza que teve que fazer escolhas difíceis e sofridas, teve de libertar-se do peso que o ambiente lhe carregava e com força de vontade conseguiu voar mais para cima.

Como eu, muitos de vós viveram experiências de redenção moral e social dos próprios alunos, porque escolhemos “de modo salesiano” de não ensinar só informações. Escolhemos “educar”, transmitindo com os comportamentos quotidianos, as conversas, os gestos, as palavras, a sensibilidade, a escuta, aqueles valores universais que permitem ao aluno perseguir a todo o custo os próprios ideais, de não se contentar e de encontrar em si próprio a força espiritual para conseguir sair da massificação da realidade.

Então a educação é ilusão ou realidade?

Para confirmar o que quis partilhar convosco, transcrevo algumas frases do Papa Francisco na Exortação apostólica “Christus vivit”: “A escola precisa de auto-crítica... uma das maiores alegrias de um educador é ver um aluno que se constrói como uma pessoa forte, íntegra, protagonista e capaz de dar” (221).



Periódico da Confederação Mundial Ex-alunas/os das FMA

Poste Italiane S.p.A. Spedizione in Abb. Postale D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46) art. 1, comma 1, Aut. C/RM/48/2006

Maria Mãe do Amor

Maria, Mãe do Amor, ama-nos intensamente.
Agora que mais precisamos.
O mundo, que tu mesma conheceste,
está cheio de problemas aflitivos.
Protege aqueles que, agitados devido às dificuldades
ou desmotivados pelo sofrimento,
deixam-se levar pela falta de fé e desespero.
Ama aqueles que não sabem deixar-se amar
e que as pessoas já não amam.
Consola aqueles a quem a morte ou a incompreensão
levou os últimos amigos
e sentem-se terrivelmente sozinhos.
Tem piedade das mães
que choram os seus filhos perdidos ou rebeldes ou infelizes.
Tem piedade dos pais que não têm trabalho
ê não conseguem dar à própria família
suficiente comida e instrução.
Ama aqueles a quem corre tudo bem,
e que, iludem-se de terem já atingido
o objetivo da sua vida, e esqueceram-se de ti.
Ama aqueles a quem Deus deu beleza,
bens e sentimentos fortes,
para que não desperdicem estes dons com coisas inúteis e vãs,
mas que com eles alegrem as pessoas que não os têm.

Por fim, ama aqueles que já não nos amam.
Maria, Mãe do Amor, mãe de todos nós,
dá-nos esperança, paz, amor. Ámen.

(G. Perico S.J.)